



Trabalhadores e Trabalhadoras de Belo Monte: Percepções Sobre Exploração Sexual e Prostituição

Altamira/PA
2016

REALIZAÇÃO

Comissão Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual Contra
Crianças e Adolescentes de Altamira
Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Altamira
Consórcio Construtor Belo Monte

APOIO

Centro de Assistência Social La Salle
Movimento de Mulheres de Altamira
Polícia Rodoviária Federal
Secretaria Municipal de Saúde de Altamira
Universidade Federal do Pará
Vara da Infância e da Juventude de Altamira

Coordenação da pesquisa

Assis da Costa Oliveira
Universidade Federal do Pará

Equipe da pesquisa

Ana Maria Miléo Moreira
Movimento de Mulheres de Altamira

Antônia Pereira Martins
Movimento de Mulheres de Altamira

Flávia Soares de Jesus
Polícia Rodoviária Federal

Fernanda Pinheiro
Secretaria Municipal de Saúde de Altamira

Franson Costa
Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Altamira

Genésio Pinto de Oliveira
Centro de Assistência Social La Salle

Irlando Lopes
Polícia Rodoviária Federal

Jaqueline Santos do Horizonte
Universidade Federal do Pará

Luana Bragança de Sousa
Consórcio Construtor Belo Monte

Michelly Rodrigues Acácio
Consórcio Construtor Belo Monte

Nayara kethelyn Nunes da Silva
Universidade Federal do Pará

Ronicleici Santos da Conceição
Universidade Federal do Pará

Sandra da Silva Vieira
Vara da Infância e da Juventude de Altamira

Terezinha Teixeira Silva
Consórcio Construtor Belo Monte

Urbano Santos Moura Júnior
Polícia Rodoviária Federal

Vanuzia Brito de Sousa
Universidade Federal do Pará

Catálogo na publicação
Biblioteca da UFPA/*Campus* de Altamira

R382 Trabalhadores e Trabalhadoras de Belo Monte: percepções sobre exploração sexual e prostituição/Coordenador Assis da Costa Oliveira.- Altamira: Comissão Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes de Altamira; 2016.
41p. : il.; 30 cm.

1. Exploração Sexual - Altamira (PA). 2. Exploração sexual contra crianças e adolescentes Altamira (PA). 3. Belo Monte. I. Oliveira, Assis da Costa. II. Comissão Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes de Altamira. III. Título.

CDD – 362.77098115

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. METODOLOGIA	10
3. RESULTADOS	12
3.1. Faixa etária, gênero e nível do cargo dos trabalhadores e das trabalhadoras.....	12
3.2. Tempo de trabalho em grandes obras e na UHE Belo Monte.....	14
3.3. Atividades que realizam no período de folga.....	16
3.4. Conhecimento dos locais de exploração sexual e prostituição.....	18
3.5. Presença de crianças e adolescentes em locais de exploração sexual.....	22
3.6. Motivo de frequentar os locais de exploração sexual e prostituição.....	26
3.7. Avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição.....	30
3.8. Drogas lícitas e/ou ilícitas nos locais de exploração sexual e prostituição.....	32
3.9. Relação entre faixa etária, exploração sexual e drogas.....	34
4. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	37
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Perfil etário dos participantes.....	12
Gráfico 2. Perfil de gênero dos participantes	13
Gráfico 3. Nível do cargo de trabalho dos participantes.....	14
Gráfico 4. Tempo de trabalho em grandes obras.....	15
Gráfico 5. Tempo de serviço no CCBM	15
Gráfico 6. Atividades realizadas no período de folga.....	16
Gráfico 7. Conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição.....	18
Gráfico 8. O que disseram sobre os locais de prostituição aqueles/aquelas que avaliaram tais locais?	19
Gráfico 9. Locais de exploração sexual e prostituição	20
Gráfico 10. Crianças e adolescentes em locais de exploração sexual	22
Gráfico 11. Arranjo de respostas para gênero masculino.	23
Gráfico 12. Arranjo de respostas para gênero feminino	24
Gráfico 13. Distribuição das respostas “sim” por nível do cargo de trabalho	24
Gráfico 14. Distribuição das respostas “não” por nível do cargo de trabalho	25
Gráfico 15. Distribuição das respostas “não sabe” por nível do cargo de trabalho.....	25
Gráfico 16. Distribuição por sítio dos motivos de frequentarem locais de exploração sexual e prostituição.....	26
Gráfico 17. Abordagem geral dos motivos de frequentarem locais de exploração sexual e prostituição	27
Gráfico 18. Avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição – dados numéricos	30
Gráfico 19. Avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição – porcentagem excluindo os que “não sabem”.....	31
Gráfico 20. Envolvimento de drogas nos locais de exploração sexual e prostituição....	32
Gráfico 21. Tipos de drogas líticas e/ou ilícitas consumidas nesses locais	33
Gráfico 22. Composição de gráficos de arranjos entre períodos de idades e informações sobre exploração sexual, prostituição e drogas	35

1. APRESENTAÇÃO

A pesquisa “Trabalhadores e Trabalhadoras de Belo Monte: percepções sobre exploração sexual e prostituição” foi desenvolvida como parte das medidas estabelecidas no Pacto de Compromisso assinado entre Consórcio Construtor Belo Monte (CCBM) e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Altamira/PA (CMDCA/Altamira), firmado em abril de 2014, mais especificamente com base no artigo 5º do referido Pacto, que contém a seguinte delimitação de conteúdo:

“Identificação e monitoramento dos locais de potencial vulnerabilidade de crianças e adolescentes à violência sexual dentro e no entorno dos sítios e nas comunidades próximas, com repasse permanente das informações, via produção de relatórios trimestrais, ao CMDCA/Altamira, à CMEVSCA, ao Ministério Público Estadual, ao Conselho Tutelar de Altamira e à Polícia Rodoviária Federal” (CMDCA, 2014, p. 4)

O processo de materialização da metodologia adotada para cumprimento da medida contou com a participação da Comissão Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes de Altamira/PA (doravante Comissão Municipal). As três instituições estabeleceram reuniões ao longo dos meses de fevereiro, março e abril de 2015, de modo a possibilitar a estruturação de processo metodológico que pudesse abarcar a obtenção de dados com os sujeitos internos do empreendimento, é dizer, os trabalhadores e as trabalhadoras que atuam na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHE Belo Monte), e ação externa voltada para investigação policial de locais revelados na pesquisa interna e outros que a atuação policial pudesse apurar.

O foco central da pesquisa, seja em sua versão interna ou externa, foram situações conceituadas como exploração sexual de crianças e adolescentes. Porém, para uma melhor comunicação com os sujeitos alvo da pesquisa interna, foi utilizada a categoria prostituição de modo a abarcar os cenários de relações sexuais pagas mais amplas, contemplando aquelas situações que podem ser classificadas como exploração sexual de crianças, adolescentes e adultos, mas também a livre iniciativa de trabalhadoras sexuais adultas, esta última não se configurando como crime no Brasil.

No município de Altamira, sudoeste do estado do Pará, o processo de implantação da UHE Belo Monte tem mobilizado um conjunto de instituições públicas

e entidades sociais, além de organizações infanto-juvenis, para a problematização, articulação e planejamento constante em torno da temática do enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. Prova disto são os três Planos Municipais de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes que foram elaborados no município ao longo dos anos de 2010 a 2014, com o último e terceiro Plano Municipal em vigência até agosto de 2017.

Assim, a possibilidade de obter informações diretamente das pessoas envolvidas com a construção do empreendimento representa uma condição única e especial para a qualificação do entendimento sobre a compreensão de tais sujeitos a respeito dos temas da exploração sexual e da prostituição, além de outros assuntos relativos aos modos de vida no contexto da grande obra. Tais questões não apenas têm um potencial de repercussão no desenvolvimento de políticas públicas, como também podem apontar propostas de ajustes nas práticas empresariais de fixação dos trabalhadores e das trabalhadoras no território, assim como de melhor definição das medidas preventivas e mitigatórias necessárias para o enfrentamento dos impactos negativos relacionados à construção de grandes obras.

2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi estruturada tendo em vista a elaboração de questionário contendo dez perguntas objetivas, sendo seis de única escolha e quatro de múltiplas escolhas, além de uma parte inicial de caracterização básica dos participantes.

As perguntas foram elaboradas com base na percepção da equipe de pesquisadores sobre os aspectos relevantes a serem obtidos em relação ao contexto local, além do subsídio das perguntas estruturadas para a pesquisa “Os homens por trás das grandes obras do Brasil” (Childhood, 2011), cujos resultados serão utilizados, em alguns momentos, para a análise comparativa, assim como das pesquisas anteriormente realizadas no município de Altamira sobre a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes (Oliveira & Pinho, 2014; Pinho & Oliveira, 2013).

O questionário foi elaborado com a finalidade de fornecer informações sobre o perfil dos trabalhadores e das trabalhadoras do empreendimento, assim como da compreensão dos mesmos sobre exploração sexual e prostituição, contendo poucas perguntas objetivas devido a estratégia de preenchimento ter sido a de aproveitamento do período de almoço dos trabalhadores e das trabalhadoras, ou seja, entre 11 horas e 13 horas, o que exigia que a pesquisa não demandasse muito tempo dos participantes para ser executada, a fim de não gerar dificuldade para sua condução e prejudicar o horário de almoço dos participantes.

Por outro lado, o texto do questionário não continha expressões textuais de “exploração sexual” ou “exploração sexual comercial” de crianças e adolescentes, mas somente os termos: “prostituição”, “situação de prostituição” e “locais de prostituição”. Tal opção terminológica se deve aos objetivos de facilitar o entendimento dos participantes sobre as indagações contidas no documento e de reduzir as possíveis resistências em participar da pesquisa, caso expressões que sejam consideradas crimes estivessem presentes, haja vista que a participação era livre e as pessoas tinham que concordar expressamente em estarem preenchendo o documento.

Por conta disso, a pesquisa desenvolveu a análise dos dados obtidos tendo em vista a dupla compreensão conceitual da exploração sexual e da prostituição, com a primeira sendo os cenários de violação de direitos sexuais pelo mercado do sexo que abarcam crianças, adolescentes e adultos, enquanto a segunda configura-se como o exercício por livre vontade do ato de se prostituir por pessoa adulta.

A coleta de dados da pesquisa ocorreu em dois momentos: o primeiro, nos dias 14 e 15 de abril de 2015, com aplicação dos questionários apenas no sítio Belo Monte, de modo a testar a adesão dos trabalhadores e das trabalhadoras, possíveis dificuldades de entendimento e checagem das estratégias de realização da pesquisa; o segundo, ocorreu de 5 a 7 de maio de 2015, sendo que cada dia a pesquisa desenvolveu-se num sítio da obra da UHE Belo Monte: no primeiro dia no sítio Pimental; no segundo, no sítio Canais e Diques; e, no último dia, no sítio Belo Monte.

A projeção inicialmente planejada era de obter a participação de 10% (dez por cento) dos funcionários do empreendimento, na época, abril de 2015, estipulada pelos funcionários do CCBM em 29 mil pessoas, o que resultaria num total de 2.900 pessoas. Porém, o total real de participantes foi de 1.483 pessoas, o que representa 5,11% da quantidade geral de trabalhadores e trabalhadoras da obra, distribuídos da seguinte forma entre os sítios: Belo Monte, com 632 participantes (43% do total); Canais e Diques, com 494 participantes (33% do total); e, Pimental, com 357 participantes (24% do total).

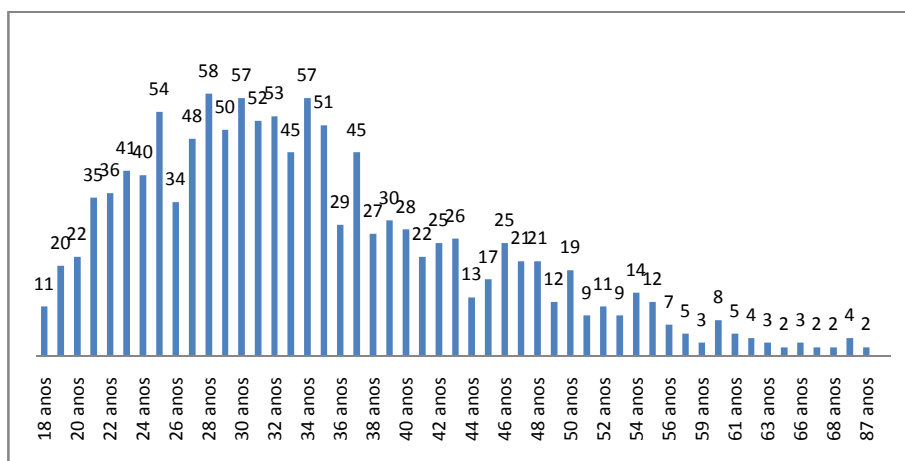
3. RESULTADOS

3.1. FAIXA ETÁRIA, GÊNERO E NÍVEL DO CARGO DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS

As três perguntas iniciais do questionário buscam realizar uma identificação do perfil dos participantes da pesquisa, contendo questionamentos sobre a faixa etária, o gênero e o nível dos trabalhadores e das trabalhadoras, este último consistindo em níveis funcionais organizados de maneira numérica sequencial (N1 a N7) para estabelecer a qualificação e a posição dos profissionais no empreendimento.

No primeiro aspecto, da faixa etária, o gráfico abaixo (Gráfico 1) apresenta o resultado obtido da coleta dos dados.

Gráfico 1. Perfil etário dos participantes da pesquisa



Do total de participantes, 82,8% (ou 1.229 pessoas) responderam à pergunta e 17,2% (ou 254 pessoas) preferiram não responder. Pelos dados sistematizados, percebe-se que houve a participação de um público de faixa etária bem ampla, alcançando dos 18 anos aos 69 de maneira continuada, mas também apresentando duas pessoas com 87 anos. A média de idade é de 34,5 anos, um pouco maior do que a média de idade encontrada na pesquisa da Childhood (2011), de 32,7 anos.

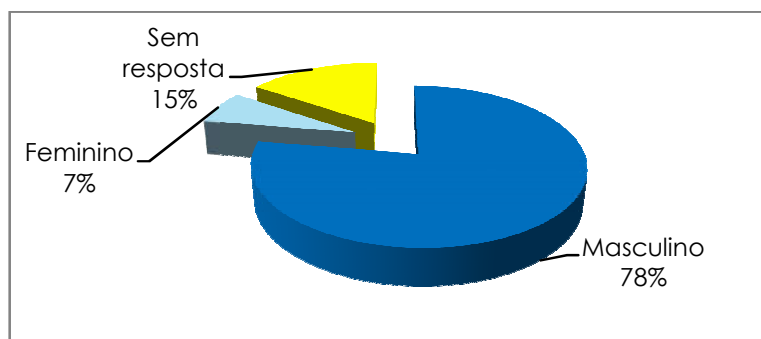
Destaque-se as idades de 28, 30 e 34 anos, com maior quantidade de participantes, cuja somatória dos números gera uma quantidade de 172 pessoas, o que correspondem a 13,9% do total de participantes que responderam à pergunta. Por outro lado, oito categorias de idades atingiram valor numérico acima ou igual a 50 pessoas,

cuja somatória representa 35,1% da quantidade de participantes que responderam à indagação.

A variação etária apresentada revela também uma maior predominância de pessoas dentro de faixa etária de 21 aos 40 anos, com quantidade computada de 870 pessoas, o que correspondem a 70,7% do total de pessoas que responderam à pergunta, e 58,6% do total geral.

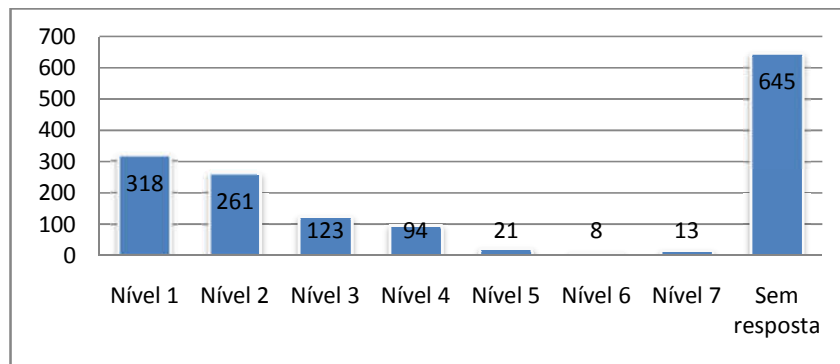
Quanto à configuração de gênero dos participantes da pesquisa, o gráfico a seguir (Gráfico 2) apresenta a sistematização obtida.

Gráfico 2. Perfil de gênero dos participantes



A representação de gênero dos participantes reflete a configuração historicamente percebível nas dinâmicas de trabalho em grandes obras (Ribeiro, 2014), com uma ampla predominância da mão-de-obra masculina. A porcentagem de 78% de homens é ainda menor do que as informações internas do CCBM quanto ao perfil de seus trabalhadores, cuja proporção é de cerca de 90% de trabalhadores e 10% de trabalhadoras, segundo relato obtido na reunião de apresentação dos dados parciais à equipe interna do CCBM.

Por fim, em relação ao nível do cargo ocupado pelos participantes no trabalho no CCBM, o resultado consta no gráfico a seguir (Gráfico 3).

Gráfico 3. Nível do cargo de trabalho dos participantes

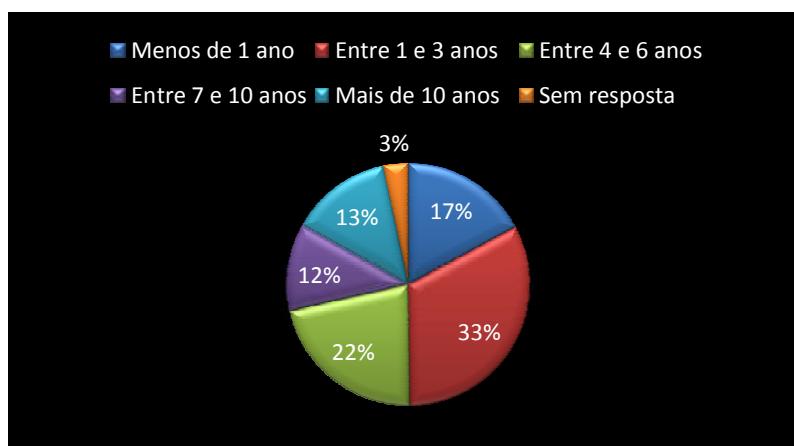
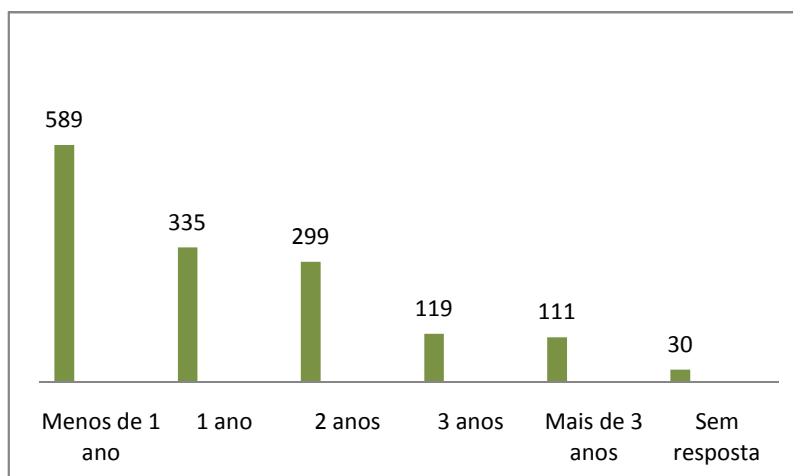
Houve uma quantidade relevante de pessoas que não responderam à pergunta, com 645 participantes que representa 43,4% do total. Isto, seguramente, dificulta a percepção mais adequada da configuração exata do nível dos trabalhadores e das trabalhadoras, mas não invalida a compreensão de que a maioria dos participantes estão entre os níveis 1 e 2, aqueles considerados de menor especialização técnica e que concentra o maior quantitativo de recursos humanos na obra, segundo informações obtidas internamente do CCBM.

Por outro lado, projeta-se a percepção de que houve pouca participação de profissionais que atuam nos níveis mais elevados de cargos de trabalho na obra, justamente dos níveis 5, 6 e 7, cuja somatória dos números de participantes de cada um deles corresponde a somente 5% (ou 42 participantes) da quantidade de pessoas que responderam à pergunta e 2,8% da quantidade geral.

3.2. TEMPO DE TRABALHO EM GRANDES OBRAS E NA UHE BELO MONTE

As perguntas sobre o tempo de trabalho em grandes obras e o tempo de trabalho na UHE Belo Monte foram incluídas no questionário para dimensionar a habitualidade e a experiência de vida com a dinâmica das grandes obras. Apesar de serem dados quantitativos, as possibilidades de reflexão sobre eles desenvolvem-se num campo mais amplo de interconexão entre tempo de trabalho em grandes obras e a percepção que possuem sobre determinados assuntos, como os que abarcam o objetivo central do presente estudo.

Sobre tais aspectos, o resultado das informações obtidas está contido nos gráficos (Gráficos 4 e 5) a seguir.

Gráfico 4. Tempo de trabalho em grandes obras**Gráfico 5. Tempo de serviço no CCBM**

Do resultado, o maior quantitativo é daqueles que estão trabalhando entre um e três anos no circuito das grandes obras, com 485 respostas ou 33%. Juntando-se este grupo com o daqueles que estão a menos de um ano no empreendimento, tem-se que 50% dos participantes trabalham há até três anos com grandes obras.

Por um lado, isto pode indicar que uma quantidade expressiva desse quantitativo de pessoas estaria experimentando pela primeira vez, na UHE Belo Monte, a vivência e o trabalho em grandes obras. Por outro, é preciso ponderar que, em termos de tempo de serviço no CCBM, 62,3% (ou 924) dos trabalhadores e das trabalhadoras responderam que estão a menos de um ano ou até a um ano, o que pode denotar, como informado pela equipe interna do CCBM, uma presença de rotatividade nos cargos conectado ao

fato da maior parte dos participantes da pesquisa serem dos níveis 1 e 2, os quais teriam essa característica de fixação por pouco período de tempo no trabalho.

No entanto, é importante ressaltar que uma expressiva porcentagem, de 26% (ou 374 respostas), dos participantes trabalha em grandes obras a sete ou mais anos. Logo, pode ter uma experiência de percepção e, até mesmo, de inserção na exploração sexual e na prostituição num período anterior à obra da UHE Belo Monte.

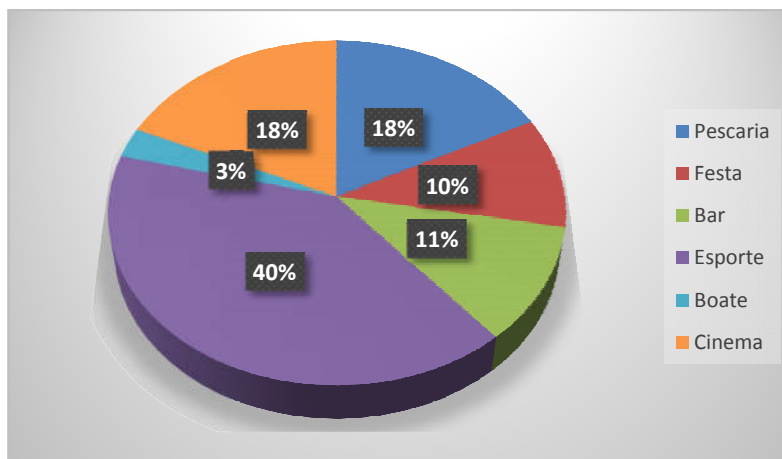
3.3. ATIVIDADES QUE REALIZAM NO PERÍODO DE FOLGA

A indagação sobre as atividades realizadas no período de folga busca identificar quais os espaços de sociabilidade que os trabalhadores e as trabalhadoras se inserem no tempo em que não estão trabalhando e, com isso, perceber quais cenários de análise podem ser projetados a partir disso.

A pergunta era de múltipla escolha e tinha seis opções pré-definidas (pescaria, festa, bar, esporte, boate e cinema), além de espaço para que os participantes indicassem outra opção, caso não estivessem contemplados com as existentes, mas nenhum dos questionários apresentou opção externa às previamente estabelecidas.

O gráfico (Gráfico 6) a seguir expõe o resultado da sistematização das repostas.

Gráfico 6. Atividades realizadas no período de folga



A apuração das respostas indica que 58% desenvolver atividades de cunho esportivo, somando a apuração de pescaria e esporte. Isto se explica parcialmente pelo fato dos alojamentos internos do empreendimento possuir área de lazer com quadras de esporte, academia de ginástica, salão de jogos e cinema, sendo que este último também

poderia explicar a opção de 18% das respostas por cinema, apesar da cidade de Altamira também possuir um cinema gerenciado pela Prefeitura Municipal de Altamira (PMA), que deve ser acessível aos trabalhadores e às trabalhadoras.

Por outro lado, 24% das respostas obtidas informavam a inserção em espaços sociais (bares, festas e boates) que podem apresentar potencial de vulnerabilidade sexual de crianças e adolescentes, além de serem focos reais de ocorrência de exploração sexual e prostituição, conforme Oliveira & Pinho (2014) atestaram no mapeamento desenvolvido nos bairros da sede municipal de Altamira, enquanto a pesquisa da Childhood (2011) aponta que 19,4% dos trabalhadores que saem com adolescentes numa situação de exploração sexual informam que as conheceram em bares ou festas, não necessariamente no período em que estavam alojados.

Cabe destacar que em termos numéricos os bares obtiveram total de 158 indicações, seguido das festas, com 149, e por último as boates, com 40 indicações. Portanto, no item mais indicado, os bares, um total de 10,6% dos participantes da pesquisa afirma frequentá-los, enquanto os outros dois itens obtêm 10,4% e 2,6%, respectivamente.

Desse modo, os dados apurados traçam um cenário em que a maioria dos trabalhadores e das trabalhadoras tem preferência por frequentar locais de cunho esportivo que se configurariam, *a priori*, como espaços de baixo risco às crianças e aos adolescentes. Ainda assim, uma quantidade relevante de participantes informou frequentar locais de lazer que, segundo Oliveira & Pinho (2014), estão relacionados à inserção de crianças e adolescentes em cenários de exploração sexual na cidade de Altamira.

Além disso, há de se ponderar se estes dados refletem as condições reais vivenciadas nas cidades e na região do em torno da obra, especial tendo em vista a folga coletiva que os funcionários dos sítios da obra possuem no sábado posterior ao dia de pagamento, no qual a pesquisa de Oliveira & Pinho (2014) diagnosticou ser o principal momento de adensamento do fluxo de pessoas na cidade de Altamira e nos locais que desenvolvem dinâmicas de exploração sexual, com ênfase nos bares e boates.

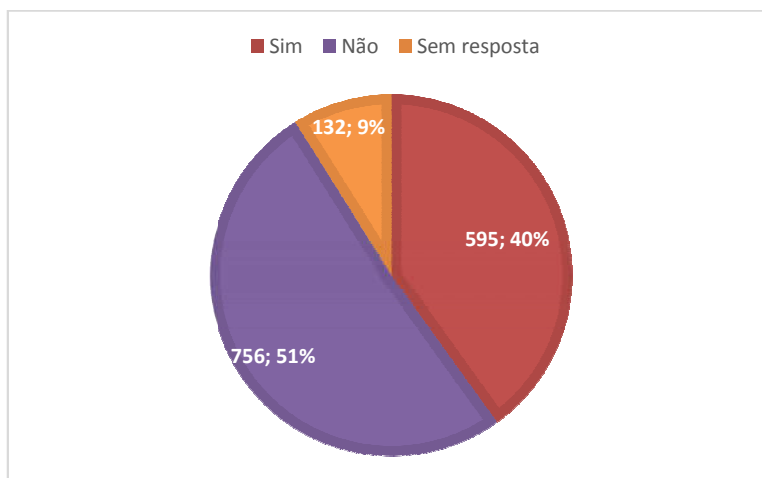
3.4. CONHECIMENTO DOS LOCAIS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

A percepção da ocorrência de exploração sexual e prostituição no território de influência da UHE Belo Monte era uma das questões mais importantes do questionário e foco de análise a partir de vários arranjos de dados, não somente das perguntas que tratavam diretamente do assunto.

O questionamento mais direto sobre o assunto estava presente em duas perguntas interdependentes. A primeira solicitava informação sobre se o participante tinha conhecimento de locais de prostituição, aqui englobando a exploração sexual, como explicado no item Metodologia do presente relatório. A segunda estava condicionada à resposta afirmativa para a primeira pergunta, pois solicitava que a pessoa indicasse quais locais tinha conhecimento dessa situação, listando seis opções de múltipla escolha (cidade de Altamira; cidade de Vitória do Xingu; comunidade de Belo Monte (balsa); comunidade Da Vinci (Km 18); próximo aos sítios da obra; e, rodovia Transamazônica ou BR-230) e possibilitando que pudesse incluir outros locais não contemplados nessa lista ou se necessita-se de um maior detalhamento de informações sobre a localização.

Sobre a primeira pergunta, o resultado obtido consta no seguinte gráfico (Gráfico 7).

Gráfico 7. Conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição



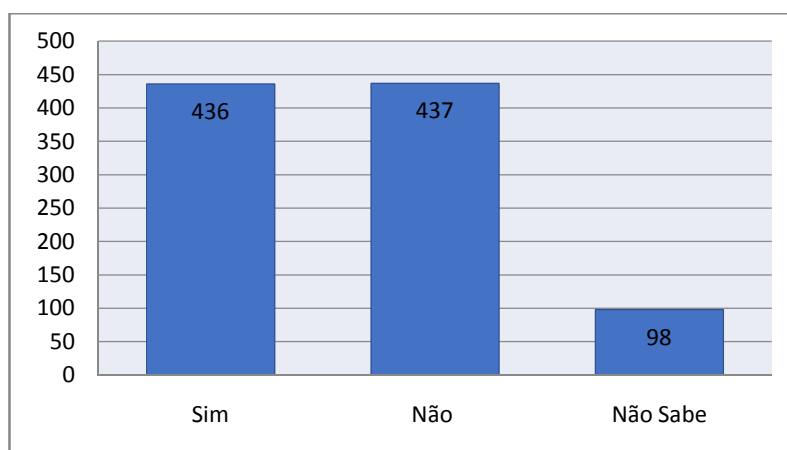
Conforme se pode analisar, uma quantidade de 40% dos participantes teria conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição na região de influência da obra da hidrelétrica. Portanto, de cada 10 participantes, 4 afirmaram positivamente sobre a existência de exploração sexual e prostituição. Se comparado aos dados obtidos

pela Childhood, há uma enorme distinção de resultados, pois nessa outra pesquisa “[q]uase todos [os entrevistados], 97,2%, afirmam que a prostituição é comum por onde andam” (2011,p. 43) na região de implantação das grandes obras.

Porém, o que se percebeu na análise dos dados da pesquisa atual é que outras informações contidas em pergunta posterior a que diretamente abordava tal assunto, também trazia elementos complementares para traçar o perfil de entendimento dos participantes sobre os locais de exploração sexual e prostituição.

O arranjo de informações se deu entre a pergunta que solicitava aos participantes que avaliassem as condições dos locais de exploração sexual e prostituição e a da presente discussão. O foco é identificar o que disseram sobre terem conhecimento (ou não) de locais de exploração sexual e prostituição aqueles que os avaliaram na pergunta colocada posteriormente. Ou seja, separar a quantidade daqueles que avaliaram tais locais e verificar o que disseram sobre a pergunta sobre terem (ou não) conhecimento de tais locais. O gráfico abaixo (Gráfico 8) apresenta o resultado desse arranjo.

Gráfico 8. O que disseram sobre os locais de prostituição aqueles/aquelas que avaliaram tais locais?



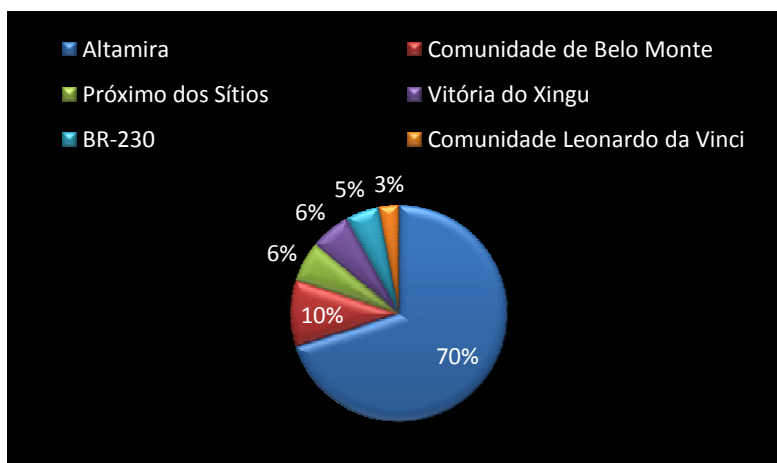
Do total de pessoas que realizam alguma avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição, um quantitativo de 436 tinha respondido “sim” na pergunta sobre terem conhecimento de exploração sexual e prostituição, o que representa 73,2% da quantidade de respostas “sim” do resultado apresentado no Gráfico 7. Entretanto, 437 pessoas tinham respondido “não” e outras 98 tinham respondido “não sabe” ao questionamento, mas todos avaliaram os locais de ocorrência dessas situações e, portanto, revelam possuir alguma experiência ou informações a respeito de tais locais,

mesmo que não os tenham asseverado diretamente quando da pergunta que tratava do assunto.

Isto quer dizer que se somando o quantitativo dos que responderam “não” e “não sabem”, mas avaliaram as condições dos locais, àquele do resultado básico da pergunta principal (Gráfico 7), tem-se uma projeção de acréscimo de 376 pessoas ou 63% a mais do que o quantitativo base da pesquisa, é dizer, os 595 participantes. Logo, nada menos que 971 participantes podem ter conhecimento de situações de exploração sexual e/ou prostituição na região de interferência da UHE Belo Monte, representando 65% do público total, ou seja, de cada 10 participantes cerca de 6,5 teriam informações sobre situações de exploração sexual e/ou prostituição.

Outra questão a ser abordada são os locais específicos identificados como de conhecimento de ocorrência de exploração sexual e prostituição. O gráfico (Gráfico 9) a seguir apresenta apenas a abordagem geral dos locais, pois as respostas que continham informações mais detalhadas de localização e descrição dos locais foram mantidas em sigilo e repassadas à PRF para dar andamento ao trabalho de investigação policial e mapeamento do potencial de vulnerabilidade sexual de crianças e adolescentes.

Gráfico 9. Locais de exploração sexual e prostituição



Percebe-se que a ampla maioria das respostas sinaliza que há uma concentração de locais de exploração sexual e prostituição na sede municipal de Altamira. Tal constatação reforça a caracterização do grau relevante de vulnerabilidade sexual de crianças, adolescentes e adultos no território da cidade, conforme já sinalizado em outros estudos (Oliveira, 2013; Oliveira & Pinho, 2014; Pinho & Oliveira, 2013).

No entanto, é interessante notar que o segundo local com mais indicações de ocorrência de exploração sexual e prostituição é a comunidade de Belo Monte, localizada na travessia da bolsa na Volta Grande do Xingu, na divisa entre os municípios de Anapu e Vitória do Xingu. Trata-se de indicativo percentual de 10%, mas que representa 113 pessoas que indicaram objetivamente terem conhecimento de locais nessa comunidade em que ocorrem situações de exploração sexual e prostituição.

Trata-se de uma comunidade que é “cortada” pela rodovia Transamazônica (BR-230) e que por estar situada num local de travessia do rio Xingu por meio de balsas, possui uma quantidade considerável de bares, restaurantes e casas de espetáculo, assim como de tráfego de veículos, especialmente de caminhões e ônibus, o que a coloca numa condição de alta vulnerabilidade sexual de crianças e adolescentes.

Além disso, há de se considerar o fluxo de trabalhadores e trabalhadoras da UHE Belo Monte que frequentam a comunidade, sobretudo seus bares e casas de espetáculo no período de pagamento, é dizer, no início de cada mês, o que seguramente levou a que os próprios participantes a elegessem como a segunda com maior ocorrência de locais de exploração sexual e prostituição, dentre as opções indicadas no questionário.

A terceira referência com mais indicação é repartida entre dois locais: “próximo dos sítios” e a sede municipal de Vitória do Xingu. O primeiro, com 62 indicações, e o segundo com 60 indicações. Novamente, para além da quantidade numérica das respostas, está a intensidade de suas presenças, o que indica a necessidade de aprofundamento investigativo sobre quais locais estariam funcionando nas proximidades dos sítios da UHE Belo Monte com a finalidade de exploração sexual e prostituição, lembrando que tal situação já foi vivenciada, no ano de 2013, pelo empreendimento, com a descoberta da Boate Xingu que se localizava numa estrada entre os sítios Canais e Pimental, da qual foram resgatadas 17 mulheres, uma travesti e uma adolescente que eram exploradas sexualmente e muitas delas foram traficadas na região sul do Brasil, com um ambiente de trabalho de condições precárias (Oliveira & Pinho, 2014).

Quanto à referência a sede municipal de Vitória do Xingu, além do fluxo de trabalhadores e trabalhadoras que se deslocam para ela nos períodos de folga e de pagamento pelo empreendedor, há de se considerar o fato da cidade possuir um porto com presença considerável de embarcações e de trânsito de pessoas, localizado na área central da cidade e no qual existem muitos bares e restaurantes, logo, que também torna-se um ponto de potencial vulnerabilidade sexual de crianças e adolescentes.

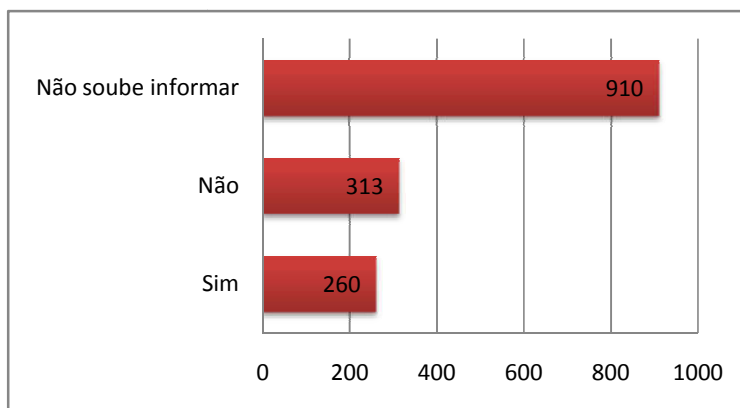
A rodovia Transamazônica possui só 5% das indicações das respostas, ou 52 participantes. No entanto, é preciso apontar que, muito embora no 6º Mapeamento dos Pontos à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras, elaborado pela PRF para o período de 2013 e 2014, a rodovia Transamazônica (BR-230) tenha a identificação de 33 pontos (PRF, 2015), no mapeamento anterior, relativo aos anos de 2011 e 2012, era a rodovia federal com maior quantidade de pontos identificados, num total de 167, dos quais 130 estavam situados na parte da rodovia localizada na região Norte (PRF, 2012a) e, destes, 100 pontos, ou 84%, foram identificados no trecho entre Pacajá e Uruará (PRF, 2012b), no qual também se insere a área da rodovia que perpassa a região de influência da UHE Belo Monte.

Portanto, a rodovia Transamazônica necessita de uma atenção especial no enfrentamento à exploração sexual, incluindo a de crianças e adolescentes, cuja mensuração identificada na presente pesquisa também reforça a preocupação com uma agenda permanente de investigação policial e de outras políticas públicas.

3.5. PRESENÇA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM LOCAIS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL

A pergunta sobre a indicação da presença (ou não) de crianças e adolescentes em locais de exploração sexual foi elaborada sem realizar diretamente uma solicitação de conhecimento ou de vivência nesses locais, mas de “suspeita”, ou, como colocado na própria pergunta: “suspeita se nestes locais há crianças ou adolescentes em situação de prostituição?”. As respostas possíveis eram “sim”, “não” e “não sabe”. O gráfico (Gráfico 10) abaixo indica o resultado obtido.

Gráfico 10. Crianças e adolescentes em locais de exploração sexual



Do total de 1483 participantes da pesquisa, um quantitativo de 260 respondeu de maneira afirmativa de que suspeita da existência de crianças e adolescentes nos locais de exploração sexual na região de influência direta da UHE Belo Monte, o que corresponde a 17,5% do total. Considerando-se o total de pessoas que responderam terem conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição, 40% na resposta básica e 65% na resposta com arranjo de perguntas, a diminuição de respostas afirmativas pode significar: (1) uma real diminuição da presença de crianças e adolescentes em locais de exploração sexual, fruto da atuação da rede de proteção dos municípios envolvidos (Altamira e Vitória do Xingu), assim como da maior sensibilização da sociedade para com tal cenário de violação de direitos e de uma atuação positiva do CCBM na internalização do tema junto a seus funcionários, por meio de ações continuadas de prevenção e da execução das medidas previstas no Pacto de Compromisso desenvolvido entre CCBM e CMDCA/Altamira; (2) o subdimensionamento da real compreensão dos participantes da pesquisa, ante possíveis resistências na resposta à pergunta, devido tratar-se, em suma, de uma situação que envolve crime sexual.

Numa análise comparativa aos dados da pesquisa da Childhood (2011), percebe-se uma ampla disparidade entre as duas. Nessa pesquisa um total de 84,5% dos entrevistados afirmou saber da existência de crianças e adolescentes em situação de exploração sexual nos arredores das grandes obras alvo do estudo, e 57,3% indicava, inclusive, presenciar, à época, ou ter presenciado tais situações (Childhood, 2011).

Os dados da pergunta também foram agrupados em dois arranjos para melhor compreensão dos cenários de obtenção das informações. Um primeiro, da relação das respostas com a composição de gênero dos participantes (Gráficos 11 e 12); um segundo, de delineamento das respostas por nível dos trabalhadores e das trabalhadoras (Gráficos 13, 14 e 15).

Gráfico 11. Arranjo de respostas para gênero masculino

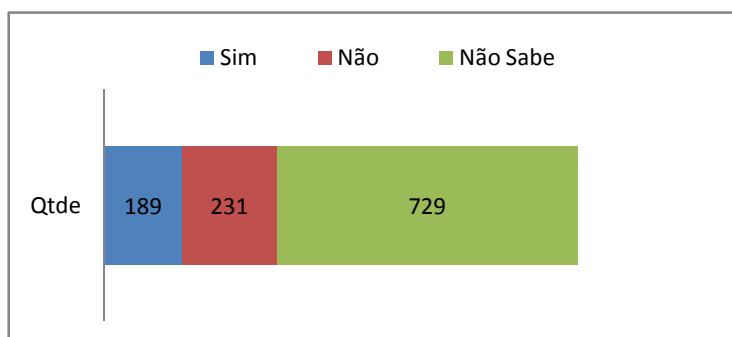
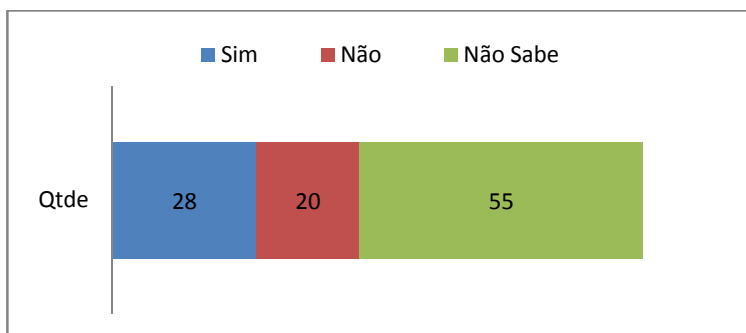


Gráfico 12. Arranjo de respostas para gênero feminino

Uma primeira constatação é de que entre as mulheres há maior quantidade de respostas “sim” do que “não”, numa proporção de 27,1% para “sim” e 19,4% para “não”, do total geral para o segmento. Entre os homens a predominância é de respostas “não”, se abstraído o quantitativo dos que “não sabem” informar, numa razão de 16,4% para “sim” e 20,1% para “não”.

O arranjo das respostas por gênero revela também que, entre os homens, 16,4% responderam sim à pergunta, enquanto entre as mulheres 27,1% responderam de maneira afirmativa. Assim, em termos proporcionais, é maior a quantidade de mulheres que suspeitam da presença de crianças e adolescentes em locais de exploração sexual.

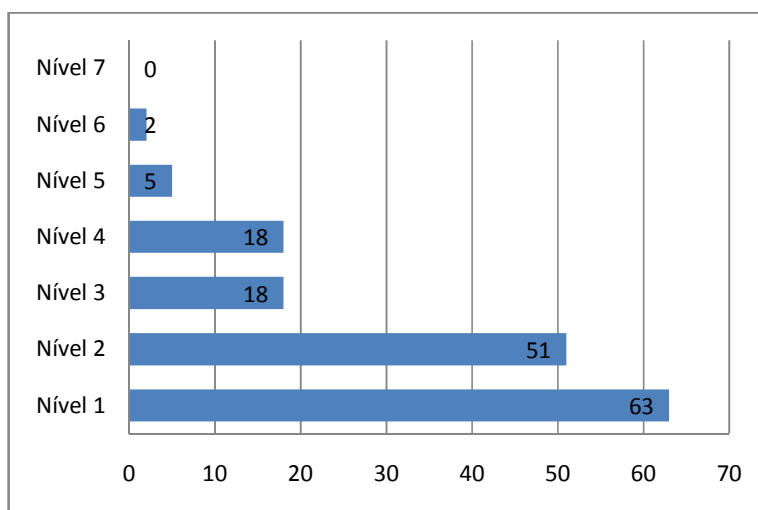
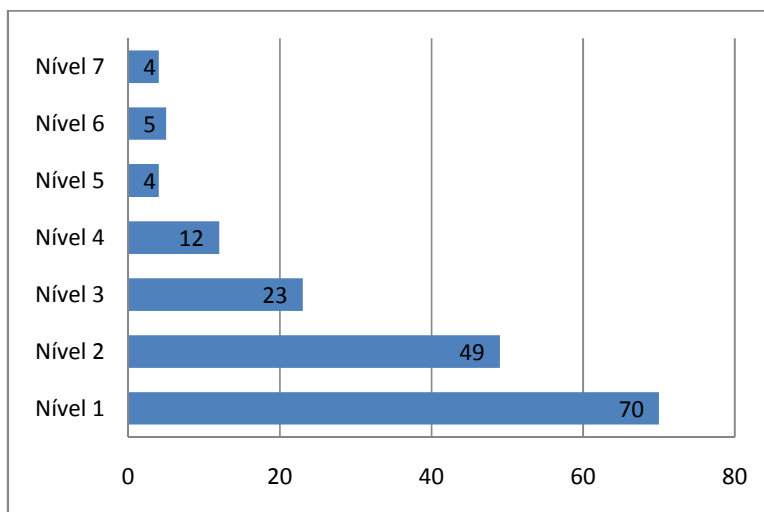
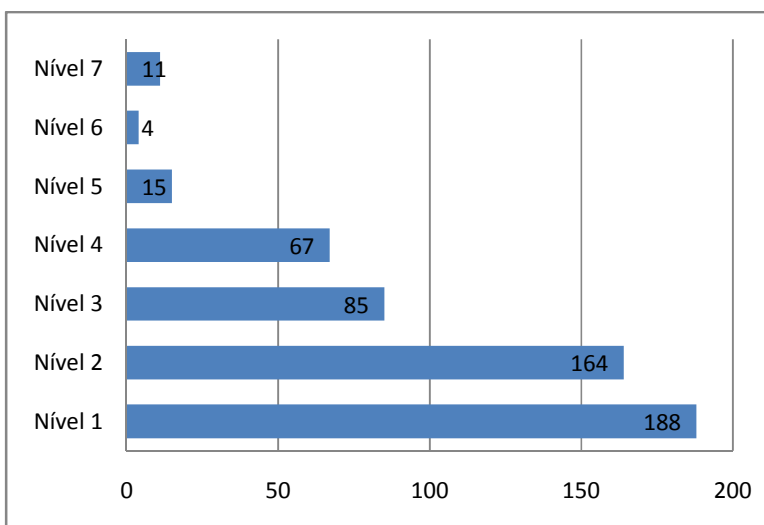
Gráfico 13. Distribuição das respostas “sim” por nível do cargo de trabalho

Gráfico 14. Distribuição das respostas “não” por nível do cargo de trabalho**Gráfico 15. Distribuição das respostas “não sabe” por nível do cargo de trabalho**

Os dados apontam que, apesar da quantidade de pessoas que “não sabem” ser a maior em todos os níveis, numa comparação somente entre os outros itens de resposta, nos níveis 2, 4 e 5 a quantidade de pessoas que respondem “sim” é numericamente maior do que as que responderam “não”. Isto envolve não apenas setores do empreendimento que atuam em áreas menos especializada e com maior quantitativo de recursos humanos, o caso do nível 2, mas também pessoas com cargos que exigem nível superior e com maior rendimento econômico, o que podem sinalizar suspeita de inserção de crianças e adolescentes em diferentes dinâmicas e classes sociais para a produção da exploração sexual, em acordo com o que já foi apontado em outra pesquisa

(Oliveira & Pinho, 2014) sobre a influência do recorte de classe social para produção das modalidades de exploração sexual.

Evidentemente, é preciso ressaltar o fato da quantidade de participantes que não preencheram o nível do cargo de trabalho ser relevante na pesquisa (43,4% ou 645 pessoas), o que torna a configuração dos resultados prejudicada para uma análise mais ampla e completa.

3.6. MOTIVO DE FREQUENTAR OS LOCAIS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

A identificação dos motivos para utilização dos locais de exploração sexual e de prostituição possibilita a compreensão dos fatores que incentivam ou potencializam a inserção dos sujeitos em tais situações.

A pergunta fora elaborada de modo a permitir que os participantes pudessem assinalar múltiplas opções, delineando cinco opções explicitamente dispostas (ausência da esposa, namorada ou companheira; influência do uso de álcool ou outra droga; falta de opções de lazer; contato por telefone e/ou internet; e, dificuldade de relacionamento pessoal), além de um campo em aberto para inclusão de outras motivações que não as definidas na listagem.

Nos gráficos (Gráficos 16 e 17) abaixo, apresentam-se o resultado geral para cada item, assim como a distribuição dos dados por sítio da obra.

Gráfico 16. Distribuição por sítio dos motivos de frequentarem locais de exploração sexual e prostituição

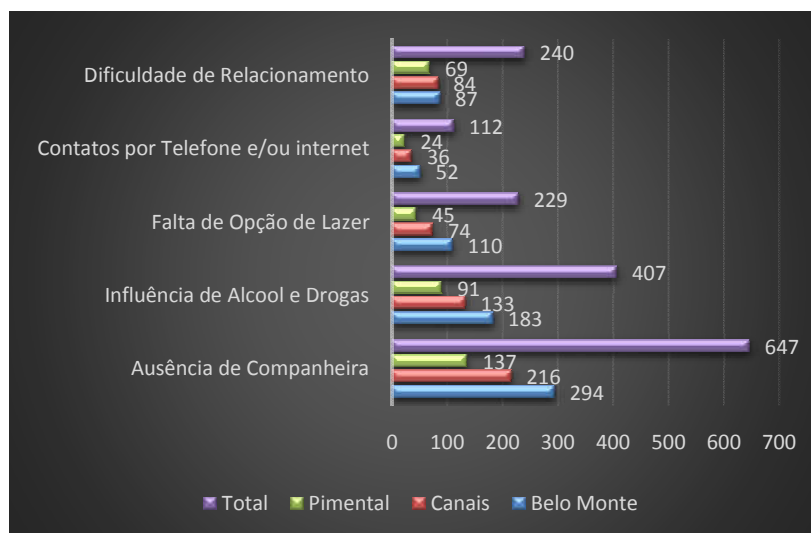
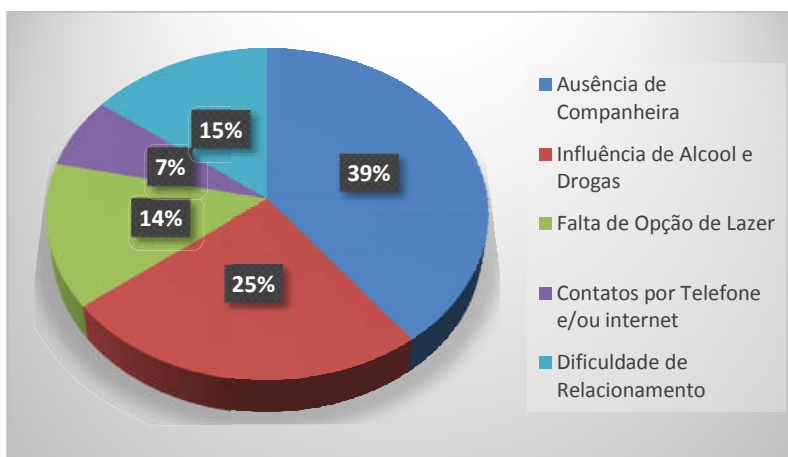


Gráfico 17. Abordagem geral dos motivos de frequentarem locais de exploração sexual e prostituição



Do total apurado, cerca de 64% das respostas indicaram duas opções como as mais influentes, a “ausência da companheira, namorada ou esposa”, com 39% das respostas (ou 647 pessoas), e o uso de álcool e outras drogas, com 25% (ou 407 pessoas).

A “ausência da companheira, namorada ou esposa” significa a dificuldade de manutenção das relações conjugais e, num sentido mais amplo, da convivência familiar, devido a dinâmica da grande obra que exige a permanência numa região geográfica distante e num regime de trabalho que acaba por impossibilitar a convivência social, afetivo e sexual, e acaba por impulsionar a utilização de serviços sexuais ligados à prostituição e à exploração sexual.

Segundo informação obtida do CCBM, o consórcio empresarial possui uma política interna denominada de baixada, que é a possibilidade dos trabalhadores e das trabalhadoras retornarem aos seus locais de origem em determinados períodos de tempo, que varia conforme o nível do cargo de trabalho. O “tempo de baixada”, que é o tempo para que cada trabalhador/trabalhadora possa retornar ao seu local de origem para passar alguns dias – isto não é período de férias, mas de compensação pela permanência direta no local de trabalho –, varia conforme o nível do cargo, sendo: de a cada 90 dias para os níveis 1, 2 e 3, com nove dias corridos de estadia no local de origem; de a cada 60 dias para os de níveis 4, a cada 45 dias para os de nível 5 e de a cada 30 dias para os de níveis 6 e 7, em todos esses casos com períodos de estadia no local de origem que totaliza seis dias.

No entanto, mesmo com essa política de retorno programado aos locais de origem, continua a se ter como problema central para o acesso e a utilização de locais de exploração sexual e prostituição a quebra dos vínculos conjugais desencadeada pela dinâmica de trabalho na grande obra. Seguramente, isto exigira repensar a lógica de estruturação da prática empresarial para que pudesse avançar no sentido de promover o fortalecimento dos vínculos familiares, como medida de melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, assim como de prevenção e provável redução da quantidade de pessoas que acessariam os locais de exploração sexual e de prostituição.

A análise das dificuldades de manutenção dos vínculos conjugais e da convivência familiar deve ser feita em conjunto com o resultado da “falta de opções de lazer”, com 229 indicações e 14% do total de respostas, pois revela uma crítica à carência de opções de lazer que não estejam ligados direta ou indiretamente ao envolvimento com a exploração sexual e a prostituição, é dizer, bares, festas e boates. Por outro lado, pode ser também um posicionamento de insatisfação ou saturação das opções de lazer disponíveis no território e na política empresarial, como a prática de esporte, pescaria e cinema, entre outras, o que envolveria uma pesquisa qualitativa para ampliar a análise sobre os significados dessa resposta para os participantes.

Ao mesmo tempo, a colocação do quesito de “dificuldade no relacionamento”, com 15% ou 240 respostas, pode estar diretamente relacionada às dificuldades de manutenção dos vínculos conjugais e sociofamiliares ante a dinâmica de trabalho no empreendimento, ambas se retroalimentando. Além disso, poderia também sinalizar a dificuldade dos trabalhadores e das trabalhadoras de desenvolverem relacionamentos no âmbito local ou dos espaços de sociabilidade locais, o que desencadearia a busca por relações sexuais pagas como uma forma de “suprir” essa dificuldade. Em ambos os casos, são conjecturas que necessitam de um aprofundamento qualitativo dos dados para melhor identificação.

A “influência de álcool e outras drogas lícitas e ilícitas”, ao corresponder a 25% das respostas, indica, também, que 407 pessoas acreditam ser esse fator de relevante caráter para a ocorrência de situações de exploração sexual e prostituição. Há, portanto, de se ter um olhar especial para ele, pois sinaliza uma relação muito próxima – e, mesmo, interdependente – entre o consumo e/ou tráfico de drogas e a exploração sexual/prostituição, cuja dimensão é melhor discutida no item 3.8 do presente relatório.

O quesito de “contatos por telefone e/ou internet”, apesar de ser o que contém menos respostas, em termos quantitativos, com 7% do total ou 112 pessoas, reforça a

constatação, presente no estudo de Oliveira & Pinho (2014), de que o uso dos meios de comunicação e das redes sociais digitais para o aliciamento de sujeitos e o contato com os clientes são ferramentas presentes na dinâmica da exploração sexual no contexto de influência da UHE Belo Monte, particularmente na cidade de Altamira. Assim, tal referencial de dados precisa ser assumido pelo empreendedor e pelas instituições da rede de proteção como um indicativo a ser incorporado (ou intensificado) na linha de enfrentamento preventivo e repressivo às situações de exploração sexual, especialmente quando envolvam crianças e adolescentes.

Por fim, um conjunto amplo de respostas avulsas foi incluído pelos participantes da pesquisa de maneira a revelar outros motivos que influenciam as pessoas à frequentarem locais de exploração sexual e de prostituição. Tais motivações estariam relacionadas a considerações sobre a moralidade ou comportamentos moralmente reprováveis, assim como a outras dificuldades pessoais por que passam as pessoas e que seriam incentivadoras da busca pela exploração sexual e prostituição.

O primeiro aspecto, da moralidade, divide-se em dois campos de respostas. O primeiro, das pessoas que indicam como motivação a “falta de Deus”, a “falta de uma vida com Deus” e/ou a “falta de conhecimento da Bíblia”, o que enseja uma conexão entre religião e comportamento social, com a carência da primeira nas pessoas ocasionando o não respeito aos valores e ensinamentos religiosos que perpassariam também a reprovação a busca da satisfação dos desejos sexuais por meio da exploração sexual e/ou da prostituição.

O segundo aspecto entraria numa linha de comportamento socialmente reprovável ou imoral cujas expressões mais repetidas nas respostas são “safadeza”, “falta de vergonha na cara” e “gosta de putaria”. Nisso, há uma avaliação do caráter dos sujeitos por buscarem os locais de exploração sexual e de prostituição desde uma perspectiva que, para eles, pode ser vista como parte de sua decisão pessoal e de entendimento como sendo algo positivo, mas, para a percepção dos que responderam ao questionário, seria identificado como algo negativo e moralmente reprovável.

Tal aspecto encontra reciprocidade de dados na pesquisa da Childhood (2011), na qual o motivo mais sinalizado pelos entrevistados que levaria os homens a fazer sexo com crianças e adolescentes seria a safadeza/falta de vergonha na cara, com um percentual de 54,7% de indicações entre o total de entrevistados, sendo que em segundo lugar, com 52,3%, encontra-se o elemento de “mais excitação ou prazer”.

O outro elemento estrutural que reúne um conjunto de respostas de livre manifestação é das outras dificuldades pessoais. Neste, estão presentes fatores variados, como “solidão”, “falta de emprego para as mulheres”, “muito tempo fora de casa”, “buscar alguém para conversar”, “falta de recurso financeiro” e “não tem consciência”. Como se percebe, as dificuldades pessoais não envolveriam somente os sujeitos identificados como clientes, mas as próprias prostitutas e pessoas exploradas sexualmente. Nelas, estariam presentes questões de ordem psicológica, social e financeira que agiriam como indutores.

3.7. AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DOS LOCAIS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

As condições dos locais de exploração sexual e prostituição é uma consideração de caráter subjetivo, mas cujo entendimento deve preceder, ao menos, o conhecimento de informações sobre o ambiente e as relações sociais dos espaços, seja de maneira direta ou indireta. Em todo caso, a pergunta foi incluída no questionário por um duplo objetivo: o primeiro, de possibilitar a avaliação e, com isso, a projeção de como tais condições poderiam implicar na situação vivenciada pelas pessoas nos locais; o segundo, de servir como pergunta de apoio à pergunta de referência do item 3.4, pois é provável que a resistência de repasse de informações reais apresentada naquela pergunta tenha sido menor quando na resposta à presente pergunta.

Desse modo, os gráficos abaixo (Gráficos 18 e 19) explicitam os resultados obtidos da sistematização das respostas.

Gráfico 18. Avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição – dados numéricos

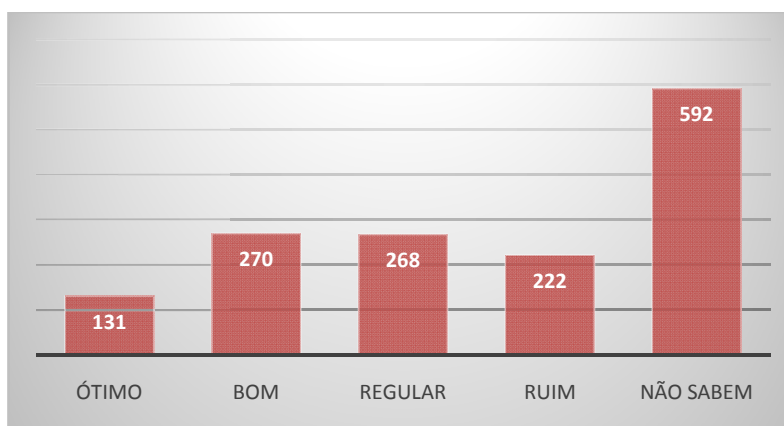
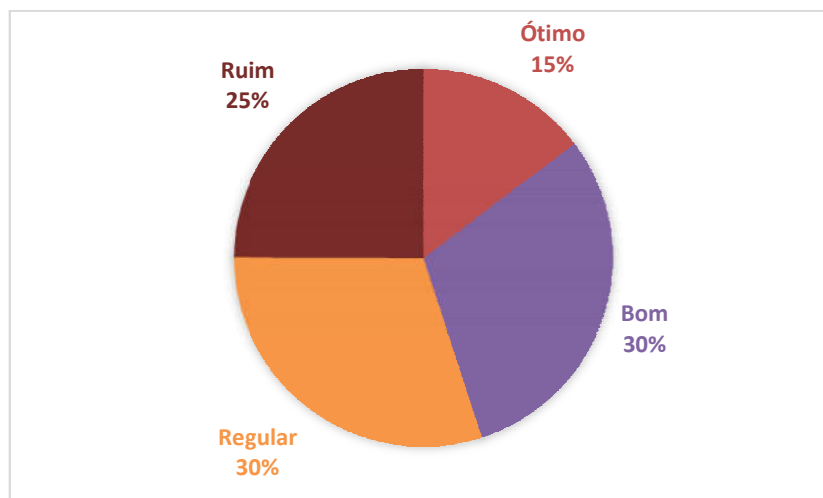


Gráfico 19. Avaliação das condições dos locais de exploração sexual e prostituição – porcentagem excluindo os que “não sabem”



Inicialmente, informa-se que um total de 891 participantes, ou 60%, responderam alguma das opções de avaliação dos locais de exploração sexual e prostituição. Isto é relevante, pois demonstra um entendimento consciente das situações vivenciadas em determinados locais, os quais devem levar em conta diferentes aspectos (relações sociais, estrutura física, valor dos programas, pessoas envolvidas, entre outros) que só podem ser conjecturados na presente pesquisa, mas que já foram detalhados em pesquisa anterior de Oliveira & Pinho (2014).

Há uma predominância de avaliação de Regular e Bom, correspondendo a 60% do total das respostas (ou 538 participantes), excluindo-se o grupo dos que não souberam responder. Na pesquisa coordenada por Oliveira & Pinho (2014) sobre a avaliação das condições de bares e boates identificadas como de potencial vulnerabilidade sexual de crianças e adolescentes na cidade de Altamira, os resultados apurados foram maiores para as avaliações que sinalizavam condições “ruins”, com 37% das respostas, enquanto Regular e Bom ficaram, respectivamente, com 26% e 16%, além de 21% que não sabiam informar – isto, levando-se em conta que o público participante da pesquisa era de taxistas, mototaxistas, Agentes Comunitários de Saúde (ACS), moradores, conselheiros tutelares e policiais militares, numa proporção muito menor do que a da presente pesquisa.

Numa análise comparativa dos dois dados das pesquisas, identifica-se que os participantes da pesquisa de Oliveira & Pinho (2014) avaliaram de maneira mais negativa as condições de instalação e funcionamento dos locais de exploração sexual e

prostituição, correspondendo à percentual de 63% dos participantes que avaliaram como “ruim” ou “regular”, enquanto na presente pesquisa o cálculo é de 55% (ou 490 participantes) da mesma articulação de dados, caindo para 33% se o referencial for a quantidade total de participantes da pesquisa.

A delimitação dos que responderam que “não sabem” também é importante de ser analisada, pois se trata de 592 pessoas que representam 39,9% do quantitativo total de entrevistados. Sem dúvida, isto pode indicar a presença de um quantitativo relevante de trabalhadores e trabalhadoras que não teriam informações e tampouco inserção nos locais de exploração sexual e de prostituição, o que contribui para entender o papel preventivo que tais agentes têm no cenário de definição de suas escolhas pessoais e de não generalização analítica das situações alvo do presente estudo para a totalidade de trabalhadores e trabalhadoras, ainda que tal reconhecimento não diminua a necessidade de trabalhar a problematização da temática da violência sexual, especialmente em relação à criança e ao adolescente, com o máximo de funcionários possíveis e em todos os níveis de trabalho.

3.8. DROGAS LÍCITAS E/OU ILÍCITAS NOS LOCAIS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

O último item do questionário voltava-se para o entendimento da inserção e consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas nos locais de exploração sexual e prostituição, com base numa pergunta que indagava os participantes com a seguinte definição: “suspeita se há envolvimento de drogas nesses locais?”

Os gráficos (Gráficos 20 e 21) abaixo indicam a computação das respostas obtidas.

Gráfico 20. Envolvimento de drogas nos locais de exploração sexual e prostituição

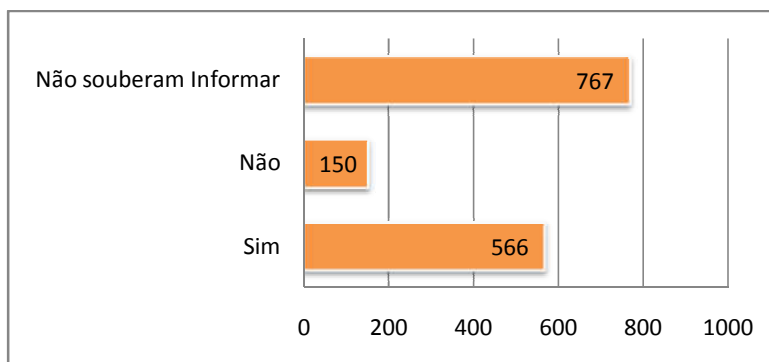
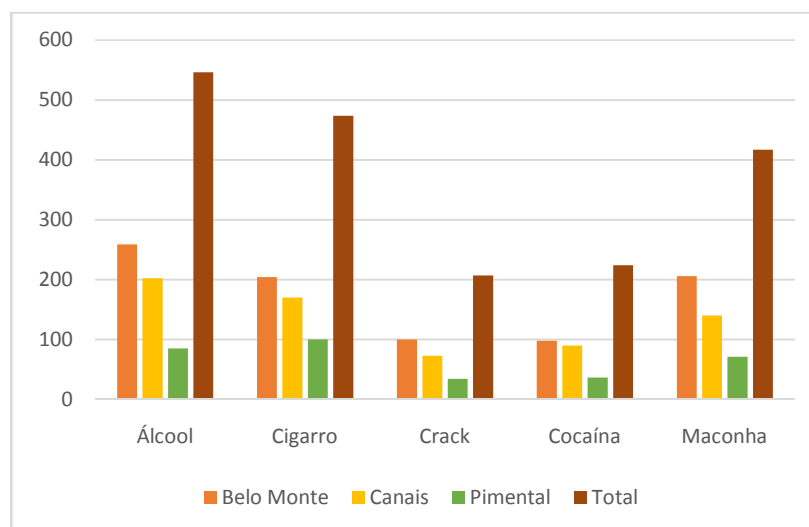


Gráfico 21. Tipos de drogas líticas e/ou ilícitas consumidas nesses locais

O primeiro gráfico revela que a quantidade de pessoas que indicou “sim” representa 38,1% do total de participantes, um número significativo, mas aquém da quantidade de pessoas que afirma ter conhecimento desses locais, com 40% (ou 595 participantes), analisado no item 3.4 do presente relatório.

Das drogas líticas e/ou ilícitas listadas no questionário, as mais indicadas foram às drogas líticas: álcool, com 546 indicações ou 36,8% do percentual total de participantes; e, cigarro, com 474 indicações ou 31,9%. Quanto às drogas ilícitas, o maior quantitativo foi de presença de maconha nos locais de exploração sexual e prostituição, com 417 indicações ou 28% do total de participantes, ficando num quantitativo relativamente próximo das drogas líticas, especialmente o cigarro.

Por outro lado, a cocaína e o crack aparecem com quantitativos bem menores do que os demais, representando 224 indicações ou 15,1% para a cocaína, e 207 indicações ou 13,9% para o crack.

Na pesquisa conduzida por Oliveira & Pinho, ficou marcante a conclusão de que “todas as modalidades de exploração sexual... existentes no município de Altamira possuem envolvimento com as drogas líticas e/ou ilícitas” (2014, p. 59). E, ademais, detalham que

“[o] uso das drogas ilícitas, especialmente o crack e a cocaína, ocorre com as pessoas exploradas sexualmente nas diferentes modalidades, com exceção do caso de povos e comunidades tradicionais que envolveria somente bebida alcoólica. Porém, os usuários também

consomem as drogas, não apenas no próprio estabelecimento, mas também no trajeto até eles” (2014, p. 60).

Por isso, é provável que os quantitativos identificados de presença de drogas ilícitas estejam subdimensionados na presente pesquisa, seja por resistência em responder por parte dos participantes, seja por desconhecimento dos mesmos da dinâmica de circulação de drogas ilícitas nos locais de exploração sexual e de prostituição.

Além disso, serve de alerta o fato da presença de drogas lícitas e/ou ilícitas para consumo em tais locais ser mais um referencial da elevada prevalência de consumo de álcool e tabagismo no cotidiano de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras de grandes obras (Conceição, 2014), os associando como indutores de problemas de saúde e potencializando o consumo pela própria dinâmica de vida em tais contextos.

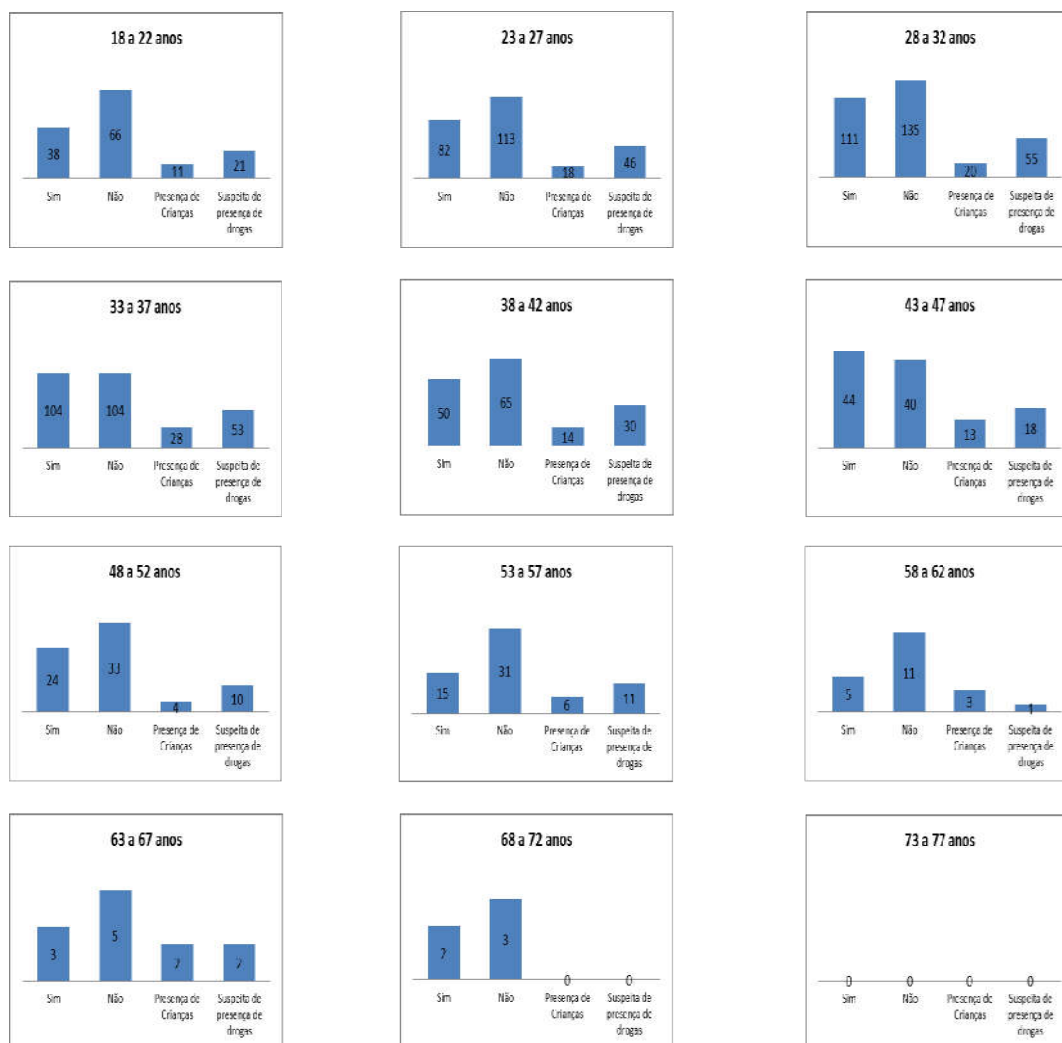
Nesse sentido, cabe informar que a pesquisa da Childhood (2011), ao tratar do tema do consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas por trabalhadores das grandes obras investigadas, apesar de não ter feito a relação direta destas com as situações de exploração sexual e prostituição, identificou que 72,1% dos entrevistados consumiam bebidas alcoólicas nos canteiros das grandes obras investigadas, e que 39,2% consumiam cigarro, mas apenas 1,5% indicavam estar consumindo drogas ilícitas.

3.9. RELAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA, EXPLORAÇÃO SEXUAL E DROGAS

Para desenvolver a análise sobre a relação das faixas etárias com as informações obtidas sobre exploração sexual, prostituição e drogas, fez-se a distribuição desses dados por períodos de idades de cinco anos, agrupando as informações sobre: (1) conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição (somente as respostas “sim” e “não”, excluindo-se as que indicavam “não sabe”); (2) suspeita da presença de crianças e adolescentes nos locais de exploração sexual, exclusivamente as respostas “sim”; e, (3) suspeita da presença de drogas lícitas e/ou ilícitas nos locais de exploração sexual e prostituição, exclusivamente as respostas “sim”.

A configuração consta em nove gráficos reunidos na composição (Gráfico 22) a seguir.

Gráfico 22. Composição de gráficos de arranjos entre períodos de idades e informações sobre exploração sexual, prostituição e drogas



Em termos absolutos, o maior quantitativo de respostas para todas as questões elencadas está presente nos períodos de idade de 28 a 32 anos, 33 a 37 anos e 23 a 27 anos. Uma explicação objetiva é o fato de essas faixas etárias englobarem idades que tiveram as maiores quantidades de participantes.

Por outro lado, dois períodos de idade requerem uma atenção especial de análise. O primeiro de 43 a 47 anos, pois foi o único em que as respostas “sim” foram maiores do que as “não” (44 a 40) para o item de informações sobre conhecimento de locais de exploração sexual e de prostituição na região de influência direta da UHE Belo Monte, sendo também o que proporcionalmente mais apresenta confirmação de presença de

crianças e adolescentes em tais locais, numa quantidade de 13 indicações que corresponde a 29,5% do total.

O outro período de idade que requer atenção é o de 33 a 37 anos, sendo também o único em que as quantidades de “sim” e “não” foram iguais (104 a 104) para a pergunta referente ao conhecimento de locais de exploração sexual e prostituição. Ao mesmo tempo, foi, em termos absolutos, o que mais apresentou indicações sobre a presença de crianças e adolescentes em tais locais, com 28 respostas positivas.

De certo que a sinalização desses dois períodos de idade (33 a 37 anos e 43 a 37 anos) deve servir de atenção ao CCBM para que busque desenvolver mais atividades de sensibilização sobre o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes com a inclusão prioritária de pessoas dessas duas faixas etárias, além de desenvolver outras medidas de prevenção, investigação e/ou atendimento com a rede de proteção dos municípios de Altamira e Vitória do Xingu.

4. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa que resultou no presente relatório apontou cenários sobre a exploração sexual e a prostituição que precisam ser debatidos e utilizados como parâmetros de informações para a produção de políticas públicas e práticas empresariais no contexto de implantação e operacionalização de grandes obras, especialmente na região amazônica.

De imediato, há a renovação da constatação, já bastante evidente em outros trabalhos acadêmicos (Mozoni, Ferraz & Pinto, 2011; Oliveira, 2013 e 2015; Rosa & Mallak, 2004; Scandola, 2012; Tourinho & Gomes, 2011), de que há uma relação inexorável entre a intensificação da exploração sexual e da prostituição e a implantação de grandes obras, o que coloca em evidência o pano de fundo que é o modelo de desenvolvimento vigente, e como sua definição estrutural implica na produção de cenários de violação de direitos humanos a determinados grupos que se colocam mais suscetíveis a tais situações.

Por isso, da constatação histórica, surge, novamente, o dever de discutir e de reformular tal modelo de desenvolvimento pautado em grandes obras, assim como, e de modo diretamente relacionado a este relatório, a mudança nas práticas empresariais para que adote políticas e mecanismos internos que sejam cada vez mais orientados para a proteção de grupos vulneráveis, assim como para a discussão sobre a qualidade de vida e o papel cidadão dos trabalhadores e das trabalhadoras que compõem as empresas, especialmente o CCBM.

Nesse sentido, “conhecer por dentro”, é dizer, a partir do olhar dos próprios trabalhadores e das trabalhadoras do CCBM, foi uma oportunidade única e indispensável de obter informações mais qualificadas sobre os cenários de exploração sexual e prostituição na região diretamente influenciada pela UHE Belo Monte, mas também sobre determinados elementos das condições de vida desses sujeitos que podem potencializar a inserção nos espaços de exploração sexual e prostituição, aos quais é relevante identificar para que se possa planejar formas de intervenção empresarial, estatal e social.

Ao mesmo tempo, o fato da pesquisa ter sido conduzida numa parceria entre o CCBM, CMDCA/Altamira e Comissão Municipal, a partir do Pacto de Compromisso, representa uma maneira positiva de envolvimento do setor empresarial com a rede de proteção, buscando oferecer subsídios financeiros e de recursos humanos para que as

ações possam se desenvolver de forma compartilhada e obtendo o que cada parte pode oferecer de melhor, dentro de suas competências.

A esta pesquisa, considera-se importante que outras sejam feitas, para dar continuidade ao processo de monitoramento dos impactos negativos da implantação da UHE Belo Monte, com especial atenção às crianças e aos adolescentes, pois tal problema social ainda persiste e deve ser avaliado e atualizado ao longo do tempo, tendo em vista, sobretudo, as diferentes fases de implantação da hidrelétrica, no presente momento buscando identificar os novos cenários advindos da desmobilização dos recursos humanos, a fim de instrumentalizar a rede de proteção e o setor empresarial com informações que lhes permitam avaliar suas práticas e definir novas estratégias de intervenção para o enfrentamento do problema.

Por fim, as recomendações advindas do presente relatório, com base nos dados analisados, são as seguintes:

1. Ampliação das ações de capacitação e sensibilização dos funcionários do CCBM, buscando inserir sujeitos de todos os níveis de trabalho e respeitando as condições de gênero, a fim de intensificar o processo de disseminação de informações sobre o enfrentamento da violência sexual e a responsabilidade empresarial com relação ao assunto, especialmente nas faixas etárias de 33 a 37 anos e de 43 a 47 anos.
2. Melhoria das medidas de garantia da manutenção dos vínculos conjugais e familiares dos trabalhadores e das trabalhadoras, buscando (entre outras questões): ampliar o quadro de contratação de recursos humanos de origem da própria região da Transamazônica e do Xingu; reduzir o “tempo de baixada” para os trabalhadores e as trabalhadoras dos níveis 1, 2 e 3, atualmente na ordem de 90 dias; e, ampliar a quantidade de trabalhadores e de trabalhadoras que tenham apoio empresarial para trazer suas famílias para conviverem nos alojamentos, vila permanente e/ou território do em torno da obra.
3. Manter e ampliar as opções de lazer que existem internamente no CCBM, buscando identificar junto aos trabalhadores e às trabalhadoras quais outras opções de lazer seriam necessárias, investindo naquelas que tenham baixo potencial de vulnerabilidade sexual às crianças, aos adolescentes e às mulheres.

4. Necessidade de oferta de cursos de capacitação aos trabalhadores e às trabalhadoras do CCBM, assim como da população da área do entorno da obra, sobre as drogas lícitas e ilícitas, assim como as implicações que possuem para a emergência de situações de risco e violência, como as de exploração sexual contra crianças, adolescentes e mulheres.
5. Dar continuidade às medidas estabelecidas no Pacto de Compromisso, buscando, em relação à medida específica de pesquisa/mapeamento, ofertar condições financeiras e de recursos humanos para que novas pesquisas sejam produzidas e possam qualificar as ações a serem desenvolvidas ao longo do período de implantação da UHE Belo Monte, e que tais aprendizagens, metodologias e instrumentos possam servir de referência para outros cenários de implantação e operacionalização de grandes obras, especialmente na região amazônica.
6. Criação e/ou melhoria das políticas públicas de esporte, cultural e lazer existentes nos dois municípios (Altamira e Vitória do Xingu) diretamente impactados pela UHE Belo Monte, de modo a oferecer mais oportunidades de divertimento aos trabalhadores e às trabalhadoras, assim como à população em geral, com baixo potencial de vulnerabilidade sexual às crianças, aos adolescentes e às mulheres.
7. Estruturação de uma agenda permanente de monitoramento policial dos cenários de exploração sexual e prostituição na cidade de Altamira, comunidade de Belo Monte e Rodovia Transamazônica (BR-230), com foco no trabalho investigativo e atuação integrada com outros órgãos e serviços da rede de proteção.
8. Garantir o investimento da inteligência policial para os cenários de exploração sexual de crianças, adolescentes e mulheres que envolvem o uso de meios de comunicação e das redes sociais digitais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHILDHOOD. *Exploração sexual e grandes obras: construção de uma agenda de convergência para o enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes*. São Paulo: Childhood, 2011.
- CONCEIÇÃO, Tânia Sena. *Trabalhadores nos canteiros de obra da UHE Belo Monte-Altamira: condições de saúde e políticas públicas*. Belém: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, 2014. 293 fls.
- MONZONI, Mario; FERRAZ, Cecília e PINTO, Daniela Gomes. *Indicadores de Juruti: monitoramento 2011*. São Paulo: GVces/FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Assis da Costa. Consequências do neodesenvolvimentismo brasileiro para as políticas públicas de crianças e adolescentes: reflexões a partir da implantação da Usina de Belo Monte. In: *Revista de Políticas Públicas*, v. 17, p. 289-302, 2013.
- _____. Violência Social e Belo Monte: o dito e o não dito nas condicionantes. In: Instituto Socioambiental. (Org.). *Belo Monte: não há condições para a Licença de Operação*. Brasília/DF: Instituto Socioambiental, v. 1, p. 139-147, 2015.
- OLIVEIRA, Assis da Costa & PINHO, Vilma Aparecida (coords.). *Relatório Final do Diagnóstico Rápido Participativo Complementar: Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Município de Altamira/PA*. Altamira: s/ed, 2014. Disponível em: www.rodasdedireito.com.br
- PINHO, Vilma Aparecida & OLIVEIRA, Assis da Costa (coords.). *Relatório Final do Diagnóstico Rápido Participativo: Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Município de Altamira-PA*. Altamira: s/ed, 2013. Disponível em: www.rodasdedireito.com.br
- POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL (PRF). *5º Mapeamento de Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras (Mapeamento 2011-2012)*. Brasília: PRF; Childhood; OIT, 2012a.
- _____. *Relação dos Pontos Vulneráveis à Prostituição*. Altamira: mimeo, 2012b.
- _____. *6º Mapeamento de Pontos Vulneráveis à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Federais Brasileiras*. Brasília: PRF; Childhood; OIT, 2015.

- ROSA, Elizabete T.S. e MALLAK, Linda Simone. A exploração sexual comercial na região do Jari (PA/AP): um processo para mudança de paradigma. In: LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra e SOUSA, Sônia M. Gomes (orgs.). *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2004.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Quanto maior melhor? Projetos de Grande Escala: uma forma de produção vinculada à expansão de sistemas socioeconômicos. In: PACHECO DE OLIVEIRA, João & COHN, Clarice (orgs.). *Belo Monte e a questão indígena*. Brasília: ABA, p. 50-69, 2014.
- SCANDOLA, Estela Márcia. Exploração sexual de crianças e adolescentes – inquietudes de militância. In: LIMA, Antônio de Oliveira; PEREIRA, Cícero Rufino & SANTOS, Enoque Ribeiro dos (orgs.). *Enfrentamento à exploração sexual comercial infanto-juvenil*. São Paulo: LTr, p. 135-142, 2012.
- TOURINHO, Maria Berenice Alho da Costa e GOMES, Fábila Sarmiento Duarte. *O impacto das grandes obras e a violação de direitos humanos de crianças e adolescentes*. Porto Velho: mimeo, 2011.